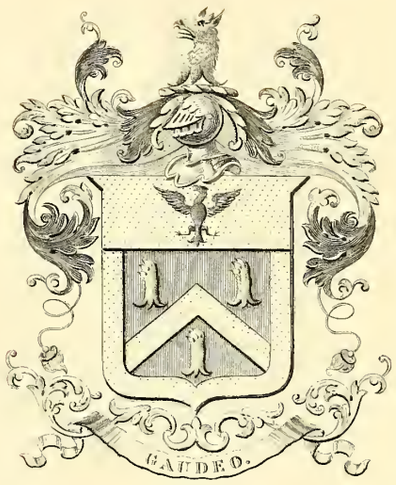
Am Philoso Society.



John Carter Brown
Library
Brown University

hum Portico forrado de Damasco o Retrato do Nosso Augusto Imperador, com a illuminação á roda do Busto de Toxas com bastante decencia: este mesmo Capitão Mór, deu em outra Noite, outra igual meza de refresco onde se acharão as pessoas das clases distinctas; nos intervalos cantava a Musica o Hymno, e se davão muitos vivas ao Imperador e ao Imperio, o que era respondido pelo povo, que nunca cessava de se achar onde sabia se fazião estes applausos. Os Senhores Europeos habitantes desta Villa, tem mostrado igual amor á Causa Santa do Brasil, e entre elles são muitos aceitos, o dito Capitão Mór e o Sargento Mór Correia: o novo Governador, e o Desembargador tem feito Epoca nesta Villa a favor da mesma, e deste modo elles tem accendido no espirito publico aquelle sagrado fogo, que em todas as Epocas tem produzido Heroes: e desta maneira meu caro Amigo: somos aqui felizes, vivemos tranquillos sem rivalidade alguma.

A' 5 dias fui assistir á Festa do Rocio (sendo o Juiz da mesma o nosso Amigo José Ricardo) e nella fui convidado para huma explendida Meza, nella nunca cessou o Governador com o seu costumado enthosiasmo de dar Vivas ao Imperador e ao Imperio.

E nesta occasião D. Joaquina, mulher do Sargento Mór Correia, em hum brinde ou saude, publicamente disse, que o maior apreço que nesta epocha fazia de seu Marido, era o conhecer nelle verdadeiro amor e decedido Patriotismo pela causa do Brasil, por onde no meu conceito a emparelho com as mais Illustres Matornas Romanas: além de outras que entre nós tem igual sentimento. Hei-de estimar que Deos te Guarde por muitos annos, e que te não esqueças deste que

Hé teu Fiel Amigo

Manoel de Araujo França.

RIO DE JANEIRO. NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1823.

Senhor Redactor.

PARECE impertinencia em mim pegar na penna para escrever, porem como já não tenho estomago para engolir o que os outros escrevem por isso rogo-lhe, queira inserir na sua Folha esta carta, não já para se darem providencias, porque he prégar no deserto, porém para dar huma prova, que tãobem tenho olhos, e luneta não má, além de estar ao facto de tudo.

Lí huma carta, inserida no Periodico, *Sentinela da Praia Grande*, N.º 14 quarta feira 10 do Mez de Setembro, cujo correspondente he hum Brasileiro resoluto, e assim mostra pelo contexto da mesma, e depois que lí, entrei a fazer meus entes de razão de quem seria semelhante parto, e assentei, que não podia deixar de ser de hum Brasileiro, que estivesse fóra daqui, e de nada soubesse, e nem tivesse sido testemunha dos factos aqui acontecidos, porque se os tivesse, como eu, manejado desde o principio, certamente não escreveria desta maneira: depois considerei-o louco, e por ultimo até o pensei anti-constitucional, ou Demagogo (porque esta gente se appresenta á face do Publico com a mesma linguagem para poder illudir, e fazer o seu papel) desta ultima idéa peço perdão ao Sr. correspondente porque pude com a mesma minha luneta observar o fim, a que se propunha, e por estar possuido disto respondo ao meu Patricio resoluto, e he desta maneira.

Sim Sr., meu caro Patricio, V. m. tem toda a razão, porém quero-lhe ponderar o que se há passado, porque se o ignora saiba-o, e senão o ignora; tome, como huma perfeita correção, o que lhe eu dou.

V. m. diz que o IMPERADOR do Brasil deve fazer o mesmo que fez Bernardote na Suecia que compoz a sua Corte com os Nacionaes, sim Sr., fez elle muito bem, porem V. m. não soube antever, que aquelle foi hum Salteador, que usurpou hum Reino alheio, pelo direito da força simplesmente, e o nosso he hum Herdeiro Primogenito deste Imperio, donde deduzo, que o similis he grosseirissimo, na sua extenção, mas vá que seja, affirma o meu Patricio, que o Nosso IMPERADOR tenha com esta preeminencia aos seus Nacionaes? De certo, que não, á vista dos exemplos, de mais qual he o Brasileiro, que meu Patricio conhece para exercitar os Empregos Publicos, e para manejar os Negocios do Imperio? Ninguem, e pelo que eu observo não há hum só. Meu Patricio não vê, que quando qualquer Brasileiro he elevado a algum gráo, neste mesmo momento reconhece por seus inimigos os seus mesmos Patricios, e que apezar de ser bom, fica logo máo, e que sendo nobre, fica logo plebeo, e se tem conhecimento, fica bruto? E são tantas as criticas, os pasquins, os insultos, as cartas satiricas, que logo apparecem, que se continuão até por pequenas mercez, por pedacinhos de fitas vermelhas? Por ventura nós não temos visto auctoridades no Imperio filhas do Brasil? Aturão no lugar? E quem as lança fóra, não somos nós mesmos? Pois se nós não gostamos de ver os nossos Irmãos elevados (como gostavão os naturaes da Suecia) a quem se deve chamar, se não aos Portuguezes em primeiro lugar, que os Francezes, Inglezes, Suecos, Turcos? E porque V. m. de nada se esqueceo, eu de tudo quero-me lembrar tãobem. Diz V. m. que nada de auctoridades Portuguezas: Sim Sr., tem razão, eu digo o mesmo, e ainda mais, porém o meu Patricio não se lembrou, que aqui não ha auctoridades Portuguezas; por que fallando desta maneira ataca o IMPERADOR, porque o não chama Brasileiro, quando Elle o He até aos ossos, ataca o Congresso Soberano, que fez a Lei, ataca finalmente a Nação, porque considerando-se por Brasileiro todo Portuguez aqui residente desde antes da Independencia, como se poderá chamar Portuguez á Cidadãos Brasileiros? Nós não ignoramos, que elles jurarão manter a Independencia do Brasil (e que cada dia a ratificão com os seus consorcios; e que estão conformes neste systema, e em huma colizão má, porque supponha-mos nós) o que he impossivel só por hypothese. Se o Brasil não podesse sustentar a sua Integridade, e Independencia, estarião por ventura elles em má circunstancias, ou não? Sim serião capazes de voltarem a Portugal? Não a sorte delles não era peior, que as nossas? De certo logo elles tem mais, do que nós empenho de sustentar esta cauza, porque ficárão muito mais perjudicados, do que nós. Porém meu caro Patricio rezoluto vamos no todo a satisfaze-lo, vamos conceder-lhe tu-

do, e por tudo. Que receio temos nós, que estejão Portuguezes autorvia los (mes-
mo sem conceder, que sejão Brasileiros, o que não he mais possivel) há receio
por ventura, que outros substituão os lugares destes? Não porque não pode ser
huma vez que haja huma Lei, que marque tempo certo, e circunstancias para
o poderem ser: neste caso não pode deixar de serem Brasileiras as Auctoridades Cons-
tituidas do Imperio, bem a pezar nosso porque não queremos ver os nossos Pa-
tricios figurarem, temos sobre isto huma inveja, e huma ambição, que damos
a conhecer a nossa fraqueza. Ora diga-me, meu Patricio do meu coração V. m.
já vio algum Brasileiro despachado, que não se tasquinhasse nelle? Nós gritamos:
Nada de Bispo Portuguez: ao mesmo tempo não queremos consentir hum Viga-
rio Brasileiro, e a penas he despachado immediatamente he espichado na folha do
Periodico *Correio Extraordinario*: ora pois (dizemos nós) *nada de General das*
Armas Portuguez: faz o Nosso IMPERADOR hum Brasileiro, e escolhe hum
Patricio honrado, reconhecido por homem de bem, e manda-o para Pernambuco,
que gritaria não houve aqui; e lá! E assim, o que nos hade contentar; eu não
sei, e parece impossivel havel-o: á vista disto como o Nosso IMPERADOR Maneja
semelhante negocio, só por isso merece Elle todo o elogio, quando não fosse o
maior dos Heroes do mundo porque póde dizer com bazofia, que manejar negocios
desta natureza, e acertal-os só Elle.

Não vê meu Patricio, que havendo na Ilha das Cobras huma innumerida e
de Patricios prezos, não gozarão da Grandeza do *Politico Perdão* dos demais, tal
vez que com mais crime, o que penço nenhum nelles. E por que não gozarão?
Seria porque a Magnanimidade, e Grandeza do Nosso IMPERADOR se limitas-
se só aos outros? Não he porque os nossos Patricios, todos os dias carregão-lhe
a mão, e desta sorte tolhem ao Nosso IMPERADOR, de maneira que não pó-
de Estender o Augusto Braço da sua Imperial Benificencia. Vamos, meu Patri-
cio, ao resto. Não vê meu Patricio a immensidade de Periodicos, que apparecem,
e a penas hum, ou dois que seriamente tratão as cousa se por isso são os mais despre-
zados e só são acolhidos aquelles que incendião e crião partidos, e que lembrão-
do-se, que jogão Portugal e Brasil, aquelle para subjugar, e este para emancipar-
se, e a razão he inteiramente nossa, sempre estão feitos no jogo os Portuguezes
e toda a falta no feito *he codilho* e como elles renunciárão, não só queremos-
lhe tomar a vaza como até obriga-los a repor o bolo, isto he huma ingratidão,
meu Patricio, como he que nós havemos negar, que existem a qui Portuguezes
Brasileiros de toda a probidade e caracter? Já não quero apontar o tempo da au-
dacia do Avilez quando o General e Chefes dos Corpos aqui organizados que replirão
aquelle insulto erão quaze todos Portuguezes, eu posso assim falar, porque esti-
ve unido a elles, e ainda não erão Brazileiros como hoje são (porem tomarão o
partido da razão e do Imperador então apenas Regente. Todos nós conhecemos
hum Portuguez, que rezolvendo-se S. M I.) então Regente do Brazil a hir para
Portugal por ordem de seu Augusto Pay de commum accordo com as Cortes da
quelle Reino, determinou que este honrado Portuguez apromptasse todo neccessario e
fizesse toda a despeza para retirada, respondeo-lhe desta maneira: *Se V. A. R. he ser-
vido de toda a Moeda, que este subdito tem eil-a muito ao seu dispôr para fazer
o uzo que quizer, até lançal-a fora as mãos cheias, porem para V. A. Hir para
Portugal em perjuizo do Brazil não meu Sr. o Brazil não lhe merece isto, o Bra-
zil pode ser Grande, e V. A. grande com elle.* Pergunto agora a meu caro Patri-
cio? Hum Portuguez deste sentimento, deve ser aggravado, ou deve ser defendido
alem de louvado? E depois disto tem este mesmo Portuguez a bolça sempre
aberta para as urgencias do Estado. Pode-se já mais negar que fosse hum Portuguez,
quem penhorou a Imperial Palavra de S. M. quando na quelle tempo, que nós re-
queriamos para Elle ficar, que lhe perguntou: se as Provincias se Unissem, se elle
ficaria? Cuja resposta foi o SIM. E não sahio este Portuguez do Paço como huma
Campainha, exultando de prazer, que bem se conhecia pelo seu Semblante a sua sa-
tisfação? E quem obra assim dezeja, ou não dezeja, ficar no Brazil? Eu conheco
a estes e a immensos: V. m. conhece a outros tantos, e cada hum Brazileiro honrado
conhece o seu punhado, e não faz hum Grande numero de Portuguezes honrados, que
são os melhores, logo que receio temos? Ora vou meu Patricio de resto tocar no ul-
timo ponto. E observe veja que isto he huma verdade, deite de parte a paixão oiça,
depois combine. Os Periodicos *Correio Extraordinario*, *Sentinella da Peçonhenta Ba-
rata*, *e o Estrangeiro da Praia Grande*, principiarão todos com huma linguagem,
agora manobrão com outra, menos o Barata, que o Espirito da Democracia nelle

conhecia. O primeiro espezinhou os Europeos aqui rezidentes, hoje nos chama ali mulatos: o segundo amarrotou-nos bem as ventas, hoje fala a favor, porque conhece a nossa vantagem, e depois disto as bellas Cartinhas feitas com tinta de fogo, e todos estes empenhados a illudir o Brazil, querendo-nos fazer ver, que o Imperador do Brazil não promove o augmento do Imperio, querendo dizer, que puxa mais para Portugal; ao que respondo em duas palavras: quem he Majór por seu gosto, não quer levar baixa para ser Sargento, e no fim a razão que eu der applique meu Patricio o conto.

S. M. I. aqui esteve como Regente de Seu Augusto Pay, e entre tanto Portugal aprezentou-se com huma face temivel, e o Brazil principiava em convuluções, Elle deu as providencias que pôde e finalmente Elle decididamente aceita o titulo de *Defensor Perpetuo*, e ficando ligado já a este juramento, Dezempenhou com tanto amor este primeiro grão, que os Brazileiros assentarão logo, que nemhum outro deveria ser Imperador, se não Elle, porque: Quem deffende, só por amor, melhor deffenderá por obrigação, e já então tinha plantado sobre os nossos Corações a Influencia de sua grandeza, Fez-se Brasileiro, Dice, e Decretou o, e foi isto hum toque tão expressivo para a nossa condição, que o Aclamamos. Elle tudo aceitou, á tudo annuio e esta porção de grandeza não foi por elle aceita; senão por amizade intrinseca a nós: Ora pois está pintado o quadro. Pergunto agora a meu Patricio: Este Imperador he Nosso, ou não he nosso? Pode jámais descer desta Dignidade? Não, e até he impossivel; deve comprir o Juramento, que deu, ou não? Deve. Esta-lhe bem outra coiza? Não. Adianta a sua sorte demetindo esta dignidade, se fosse possivel? Menos. Então que receio temos? Se elle he nosso, se lhe não convem por todas as razões, senão sustentar a Independencia do Imperio, e se deve aperfeiçoar a sua obra qual será a idea a este respeito, que se deve fazer? Hade querer descer da dignidade suprema de Imperador para Principe de hum Reino convulso? Com Bases mal seguras, deixando a hum Imperio fertil, ameno, grande, docil e rico, habitado mais por amigos, que por subditos? Eis a razão porque eu lhe juro, que esta labia dos sobreditos Periodiqueiros, não vinga, porque chega ao conhecimento de todo o mundo e este he o conto que eu lhe disse aplicasse, do similis que fiz de Major para Sargento, e findei, não por não ter mais, que dizer, porem por não ser mais extenso: mas apezar disto sempre lhe faço esta breve reflexão. Parece-me meu honrado Patricio, que estou ouvindo ler esta carta pelos incendiarios Demagogos, e já estou ouvindo da boca delles estas palavras. Que Patife, Que Carcunda, Que Servil! Que infame!!! Ao que, meu Patricio, poderá responder (se he que já está convencido das minhas verdades, e se já vê pela minha luneta, este patife carcunda, que vocês dizem, he o Brasileiro, o mais furi so pela Sagrada Causa do Brasil que há, he aquelle que apezar dos contratempos, da pobreza, das injustiças, praticadas com elle contenta-se, antes andar com a sua cazaca russa do que virála a cada momento, que o seu systema sempre foi igual que elle defendeo o Brasil antes que o mesmo puzesse em pratica sua Independencia, he hum Brasileiro com huma luneta de tanto alcance, que no dia que se jurou a Constituição, tal, e qual no Rocio elle a não quiz jurar e disse publicamente, que hera huma pura velhacaria de Portugal, e apresenta documentos disto, não equivocos, he hum Brasileiro que sempre trabalhou de boa fé, e que apezar de ser muito mal acolhido por intrigas dos seus mesmos Patricios, com tudo desafia ao Ceo, a terra, as Autoridades, aos grandes, e mesmo ao Imperador, se já virão nelle algum indicio d'anticonstitucional, ou Democracia, e tem a cautela de dizer quando se negão os seus relevantes serviços, que o Imperador, sendo muito ingenhoso, com tudo, não he Devino tem atribuições de humano, porem que elle se conforma com tudo e não só não ouza fallar, como até com mais valor defende ao seu Imperador, como principal objecto da nossa Sacrosanta Independencia e depois de assim responder dê-lhe as Costas e vá-se embora.

Sou do Sr. Redactor amigo

O Brasileiro ainda mais rezoluto

T. F. G.

RIO DE JANEIRO NA TIPOGRAPHIA NACIONAL.

73-407

CARTA

DO

BRASILEIRO DA ROÇA

AO

REDACTOR DA SENTINELLA DA PRAYA GRANDE

EM RESPOSTA A

ORDEM DO DIA DO QUARTEL GENERAL DA CARIOCA.

Snr. Redactor.

Li com grande admiração e espanto a Ordem do Dia do Quartel General da Carioca. De certo este Parto, como muita gente o afirma, he . . . he . . . do Silvestre José, daquelle que foi Procurador, Copeiro, ou limpa botas, e Ruf . . . . do farfante e namorado Conde de Palmella, (que hoje dá as Cartas em Lisboa no absolutismo) e que por tantos, e tão bons Officios, alcançou tres mil cruzados de ordenado do nosso Thezouro, com o nome de Commissario da Commissão mixta, que sendo creada, he o mesmo, que não existir, invenções daquellas, que armavão no outro tempo, por ser o Thezouro da Nação, Fazenda Real, para dar em ordenados à Afilhados, á vadios, e à Beoviteiros etc., sendo isto hum dos encantos, que muito fascina, os Aulicos, para ostarem do Governo absoluto.

Que escripto, Senhor Redactor, tão cheio e atrevimentos, e sandices, e envolvendo antas contradiçoens, sem propriedade nadição, sem nexo, sem exactidão nas idéas, n huma palavra, huma misturada de grélos, elo qual vim no maior conhecimento do chummismo, e esfera do seu auctor: cocluindo por te nogento escripto, que o homem, o Silestre José, he huma besta, e que deseja fa-a de escrevinhador, principalmente, em iplomacia, para que não tem nenhum geito; tandoce de que se afadiga em estudar.

O dito Papel não merece analise, porque em de ser muito mal escripto, como acima go, e que com dificuldade se tem entendido, ria dar-se-lhe importancia se o analyzasse cemente, e em todas as suas partes, athe porque tem sido geralmente desprezado, não só pela sua revoltante doutrina a respeito do que avança da Santa Alliança Europea, chamando-nos athe com o maior descaramento, e impudencia, cunha do mesmo páo, como pelas falcidades que contem; e portanto sómente de passagem, as principaes asneiras, dezaforos, e mentiras, analizarei com o ridiculo proprio de tal escripto, e auctor.

Principiaremos, Senhor Redactor, pelo que diz a seu respeito no 1.º, 2.º, e 4.º artigos, *que Vm. tem recebido, Pezos soldres, contribuição secreta, e que vendeo por dez contos effectivos*, (que não sei que moeda he esta) *e huma Penção annual de 800U rs., as suas Pinturas*, e depois no 9.º artigo á cerca de Vm. mesmo, diz, *que a barriga vazia não tem Ley*: ha contradição maior? Pois quem recebe aquelles dinheiros, e tem 800U rs. cada anno, quando não haja outra industria, tem a barriga vazia? Outro Officio, meu Silvestre; cardar bogios seria melhor.

Queira dizer-me, Senhor Redactor, o que he *lingua da terra*; nós temos lingua de *vaca*, e fel da terra, será alguma erva, que se tenha descuberto? E plantar *Cafezeiros copados*? Sabe o que isto he? O homem, o Silvestre José, olhando só, para o palavriado estrondozo, não repara nem na colocação da Sintaxe, e nem na propriedade dos termos. Senhor Redactor, diga-lhe, que não seja tão charlatão, e impostor; que isto de escrever, não he andar no Leme, com o seu Leque da China.

No 7.º artigo, asseverando, que no Tribunal do Jury, em que Vm. compareceo, *tinha havido assuada*; diz depois, *supposto*

73-341A
CB
P8539
1810
1
1-SIZE
V.1

seu poder todas as Attestaçoens necessarias de boa conducta, exacção, e prestimo durante o seu emprego na Secretaria da Intendencia, como Official e Interprete; e que se requereu a Demissão do Lugar, foi por lhe parecer desairoza a conservação de hum Lugar Publico aonde elle foi tratado tão mesquinhamente, tendo sempre cumprido os seus deveres, e sujeitado-se até a servir lugares que jámais lhe poderião pertencer.

REQUERIMENTO.

SENHOR.

DIz Luiz Sebastião Fabregas Surigué, que achando-se desde 19 de Agosto de 1823 empregado em a Secretaria da Intendencia Geral da Policia na qualidade de Interprete e Official della; e tendo servido desde o seu ingresso até meado do mez de Maio proximo passado, teve então o grave desgosto, e desairosa sensaboria de se ver quasi que insensivelmente envolvido na embrulhada que deo occasião á Portaria do Ministerio da Justiça de 19 de Maio de 1824, que por isso que já foi levada á Augusta Presença de V. M. I., torna inutil nova exposição, visto que nella teria o supplicante de replicar contra a maneira pouco decente, e menos liza com que se procurou indispor o Animo de V. M. I. contra o suppplicante: E como que em huma tal situação, e á vista da educação do supplicante, e sua constante conducta, se torna inconsistente com o seu modo de pensar, e de orçar as vantagens e interesses desta vida, continuar a servir no Lugar onde teve de experimentar tão sensivel dissabor; — Pede a V. M. I. Se Sirva Ordenar se lhe dê demissão do Lugar de Interprete e Official da Secretaria da Policia, Lugar nunca por elle requerido, e que lhe havia sido conferido pela mui reconhecida concurrencia de circunstancias, de prestimo, e boa conducta, reservando-se o direito de se offerecer a V. M. I. para bem do Serviço Nacional, e na extensão das suas forças; protestando humildemente contra a maneira verdadeiramente desabrida, com que se procurou aggravar na Presença de V. M. I. hum simples desforço contra o augmento de Serviço Oneroso e com clausulas desairosas, como se jámais fosse, ou tivesse sido necessario, estimular o supplicante no desempenho de seus deveres, desempenho não só publico e notorio, como attestado pelas Autoridades com quem lhe coube servir. Roga, por tanto, a V. M. I. Se Digne Ordenar se dê ao supplicante a demissão requerida. E R. M.

Luiz Sebastião Fabregas Surigué.

RIO DE JANEIRO 1824. NA TYPOGRAPHIA DE TORRES.